

Coração da cidade não bate mais aqui

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

Quem reside em Brasília há bastante tempo não fica indiferente ao passar pela W/3 Sul. E que avenida! Até 74, sem desmerecer a Rodoviária, era ali onde pulsava com mais força o coração da cidade. O melhor local para fazer compras, as grandes lojas de departamentos como a extinta Solomax os desfiles carnavalescos, os restaurantes tradicionais. Da 502 à 516, o caminho parecia mais curto e o fluxo de consumidores fazia a festa dos comerciantes.

Os tempos mudaram. Para aqueles que têm comércio na W/3 Sul e lá estão há mais de 20 anos, o ano de 1974 foi marcante para a redução das vendas. O então governador Hélio Prates da Silveira, junto com sua equipe, ficou conhecido pela categoria como a pessoa que acabou com os estacionamentos de várias quadras. O brasiliense, sem vontade de perder alguns minutos à procura de um lugar para deixar o carro e estimulado pelo aparecimento dos shopping centers, deixou, aos poucos, de visitar o tradicional ponto de compras.

ABANDONO

Mas o caos não para por aí. A avenida é motivo de queixas não apenas para os comerciantes. O estado de abandono em que se encontra reflete na opinião dos usuários, a grande maioria moradores das satélites, que trabalham em estabelecimentos comerciais, firmas prestadoras de serviços, bancos, Setor Hospitalar e escolas da W/5. Há, ainda, os estudantes, professores e donas-de-casa que, por um ou outro motivo, se dirigem àquela localidade, além daqueles que moram nas 500 e 700. Todos reclamam e pouco se faz.

Rua da omissão e outros males

"No Rio tem a Avenida Rio Branco. Em São Paulo, a São João. Por que em Brasília a mais tradicional está entregue ao abandono?", pergunta o comerciante Orlando Garcia. A mulher, Vera Lúcia, é mais incisiva: "A W/3 precisa melhorar muito para ficar boa". Embora o movimento na farmácia seja razoável, já que eles atendem a uma média diária de 300 pessoas, acham que os comerciantes não têm incentivo nem mesmo para zelar por seus estabelecimentos.

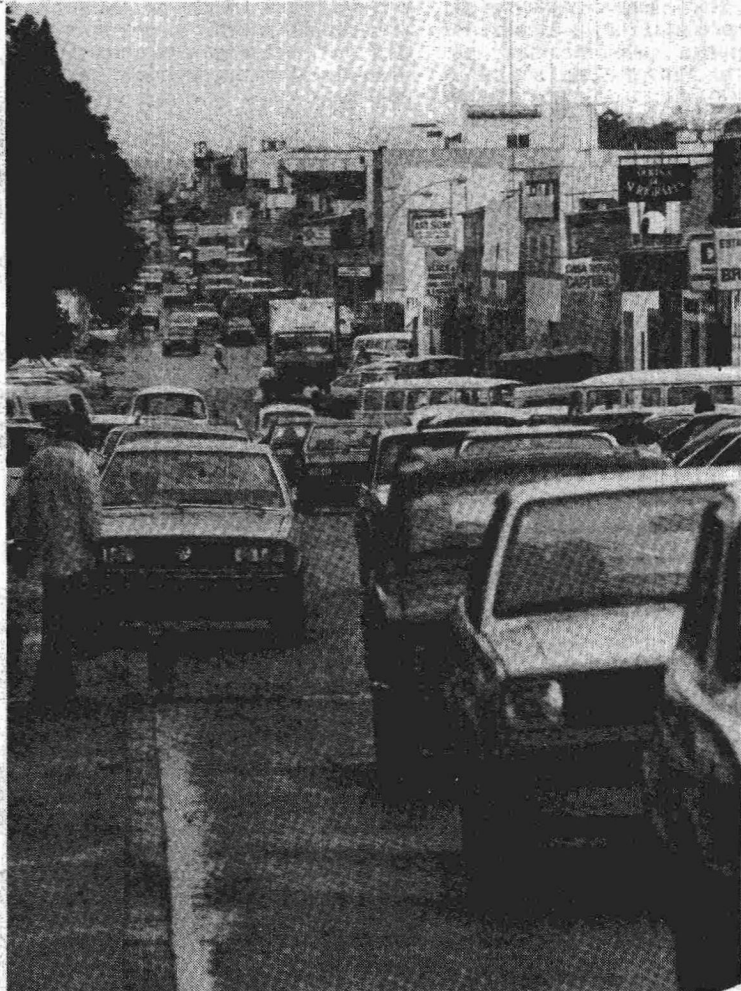
"Não temos muitos problemas de segurança, mas a iluminação é deficiente", diz Orlando. Considera o trânsito perigoso, "pois já presenciei diversos acidentes". Os tapumes que invadem as calçadas e obrigam os pedestres a caminhar à beira da pista, constituem-se num verdadeiro incômodo. Há uma construção inacabada há quatro anos, ao lado da drogaria", afirma ele.

FALTA TUDO

Os Grácio têm vontade de colocar lajota em frente ao estabelecimento. "O piso do passeio, de pedra, é feio e faz com que as pessoas tropecem". No entanto, ninguém pode fazer qualquer benfeitoria sem autorização do governo, segundo ele.

As árvores são mal podadas, impedindo a visualização dos semáforos e das lojas. "E as paradas de ônibus estão uma vergonha. O piso está completamente danificado e o cheiro de xixi é insuportável", enfatiza a estudante Norma Fonseca, 19 anos, residente em Taguatinga. A jornalista Silvanira de Araújo, que tem banca na 510, simplesmente não gosta da W/3: "O barulho é intenso e e não há sombras do lado das 500".

Antes da Rocan, a costureira Helena Menezes Silva, residente num pequeno apartamento da 510, tinha muitos problemas de segurança. "Cheguei a ser assaltada às duas horas da tarde". Ela mora há 18 anos em Brasília, nove dos quais na W/3 Sul.



Estacionamento: uma guerra que afeta até trânsito da W-2

Shopping encarna o vilão

Bancos, roupas, calçados, supermercados, hospitais, farmácias, bares, panificadoras, ferragens, tecidos, fotos, eletrodomésticos, enfim, de tudo um pouco pode ser encontrado na W/3 Sul em abundância. Misturam-se a esse cenário algumas lojas fechadas, que não conseguiram competir com a expansão dos shoppings. "Aquele local já teve seus dias de glória. Hoje o mercado está bastante fraco", comenta o presidente do Sindicato dos Proprietários de Empresas de Compra e Venda de Imóveis (Secovi), João Balduino Magalhães.

Se o setor de vendas e aluguel de imóveis comerciais está debilitado, "porque ninguém quer passar até 20 minutos procurando estacionamento", Balduino garante que a procura pelos residenciais — a maior parte apartamentos de um quarto e kitnetes — aumenta a cada dia: "Está crescendo o número de blocos de residência e isso faz com que as poucas vagas existentes sejam ocupadas por veículos dos próprios moradores".

ALTERNATIVA

Sem alternativa para estacionar, muitos consumidores se dirigem às superquadras, especial-

mente às 300. "Caso contrário, entro num estacionamento que fica atrás da parada de ônibus", conta Eugênia Dias, 25 anos, economista, residente na Asa Norte. "A maior carência se situa entre as quadras 510 e 504. Não sabemos como encontrar vagas para nossos veículos", completou.

"Os carros podiam ser estacionados, antigamente, em frente às lojas. Hoje não dá mais pé", lamenta Orlando Grácio, da Droga Minas, na 510 Sul, uma das primeiras farmácias da W/3. "Por causa disso, poucos conseguiram sobreviver à falta de clientes", lembra o cearense Antônio Ivan Aragão, proprietário do Foto Dom Bosco, na 504, há 22 anos naquele local.

Pensando em resolver pelo menos em parte a questão, o Detran propôs à Secretaria de Viação e Obras que verificasse a possibilidade de criar cerca de 150 vagas ao longo do canteiro central. Outra preocupação é com o fluxo de ônibus, bem intenso. Jonas Torraca, diretor do Detran, informou que o órgão está estudando, junto com o DTU (Departamento de Transportes Urbanos), uma forma de racionalizá-lo. Os ônibus andariam em fila indiana, na faixa da direita (sentido Rodoviária-Asa Sul), só podendo ultrapassar um ao outro nas balsas das paradas.

"Lojas estão aos pedaços"

São variadas as razões que levam as pessoas a comprar na W/3 Sul. A radialista Cleusa Sena, por exemplo, na 711 desde 59, até hoje dá preferência àquela localidade: "Só que hoje as lojas estão caindo aos pedaços. Tudo é bem diferente de tempos atrás. Mesmo assim ainda temos um bom lugar para fazer compras".

Isabel Maria Ramos, dona-de-casa, costuma sair do Setor Militar Urbano só para fazer compras na W/3. "Há muitas coisas em promoção", justifica-se. Alton Conrado, 52 anos, comerciante, acha que em determinadas lojas os preços saem mais em conta. "Moro no Guará e quando preciso comprar tecidos, roupas e artigos para minha casa, venho aqui".

ACASO

Existem ainda os consumido-

res esporádicos, que vistam as lojas da avenida porque foram tratar de outros assuntos. Caso de Marisa Santos, dona-de-casa, moradora da Asa Sul: "Estou aproveitando que fui ao banco, para fazer compras. Normalmente, dou preferência a algum shopping, em função da variedade e proximidade". Em sua opinião, o tamanho da W/3 não ajuda: "A distância acaba atrapalhando".

"E preciso que eu esteja muito perto de uma loja que tenha o que estou precisando. A coincidência fica maior ainda quando tenho dinheiro", ironiza Paulo César Cardoso, 32 anos, bancário, residente em Sobradinho. "Na verdade", explica, "eu não tenho nada contra a W/3. Moro longe dela e raramente surge oportunidade para vir aqui", esclareceu enquanto aguardava o ônibus numa parada da 507 Sul.